

NOTÍCIAS DA ARRÁBIDA

Carlos Câmara Leme

Curso na Arrábida sobre as relações Brasil-Portugal “Nem Freud conseguiria explicar”

O primeiro dia do Curso da Arrábida, coordenado por Gilda Santos e subordinado ao tema *Brasil e Portugal – 500 Anos de Enlaces e Desenlaces*, não podia ter começado melhor. Apesar de visivelmente cansado, Eduardo Lourenço esteve ontem ao seu melhor nível. Terminou as suas “Divagações Transatlânticas” a contar uma história, bem ilustrativa dos labirintos com que se tecem as relações entre as duas culturas – que paradoxalmente se pensam ora sob o signo da proximidade, ora da rejeição mútua, sobretudo no Brasil. Quando saiu do aeroporto de Lisboa e entrou num táxi, aconteceu-lhe uma coisa que nunca imaginou que um dia lhe acontecesse: “Nem Freud me conseguiria explicar uma coisa destas,” ironizou. Lourenço deu de caras com um taxista brasileiro, ou melhor, com um homem de 40 anos, que tinha ido para o Brasil com 19. E que era a dois níveis, explicou, português e brasileiro: “Não luso-brasileiro: intrinsecamente português e até à medula brasileiro.”

Para o autor de *O Labirinto da Saudade*, este episódio resume bem o que há muito pensa desde que chegou ao Brasil, à Bahia, nos anos 50:

“Nós encontramos-nos a pensar o mesmo e descobrimos – como já acontecera inconscientemente com Cabral e Caminha – que estávamos diante de qualquer música que era virtualmente outra.” Para o ensaísta “a invenção do Brasil é a conversão desse outro no mesmo, sem saber que ela seria impossível. Daí que o mal entendido durante estes 500 anos não seja de todo em todo ocasional.”

REJEITAR A UTOPIA

O relacionamento entre os dois povos só poderá ser consistente “quando os dois países forem conscientes das suas diferenças e rejeitarem a utopia duma genealogia histórica e osmose cultural quase sem exemplo na história das relações entre povos.” Daí que, não provocatoriamente, na sua intervenção na Arrábida, Lourenço deixasse no ar uma pergunta: “O tema do colóquio não deveria ser qual o discurso com que o Brasil nos problematiza?”

Na mesma rota navegou o poeta e actual cônsul português no Rio de Janeiro, Luís Filipe Castro Mendes. Entre a velha polémica (não tão velha quanto isso) sobre se todos os males do Brasil, sobretudo quanto ao seu desenvolvimento, advieram do colonizador português (é a tese de Sérgio Buarque de Hollanda em *Raízes do Brasil*) ou se, ao invés, foi a colonização portuguesa que conferiu originalidade e carácter à civilização brasileira (é a tese de Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*), Castro Mendes foi muito claro. Por um lado, “para um português, é mais saudável este sentimento de separação do Brasil do que para um brasileiro.” Mais: a discussão sobre o colonizador não só é oca – “do que deixamos podemos orgulharmo-nos, sem ilusões idílicas nem remorsos tardios, até porque ter remorsos, como dizia Espinoza, é pecar segunda vez” como “desmentindo o belo poema de Manuel Bandeira, os portugueses não podem ser os avozinhos dos brasileiros.”

Para Castro Mendes, por uma razão muito simples, “temos a mesma idade.” Podemos ter, como temos, representações ideológicas desfasadas no tempo. Foi isso que mostrou a ensaísta Maria Alzira Seixo a propósito da peça *Madame*, de Maria Velho da Costa. Classificando a sua comunicação “como a mais triste que há em Portugal,” *Madame* é um texto “que não tem caminho, é uma escrita a duas personagens e a quatro nomes, mas em palavras cruzadas, de que algumas casas ficam por preencher, isto é, uma casa sem sentido que pode ficar sem gente.” Porque, em última análise, ao contrário do que dizia Castro Mendes, Maria Alzira defendeu que “continuamos a ser colonialistas.”

Público, 01/08/2000

Enlaces e desenlaces continuam a ser discutidos na Arrábida

Um mergulho no corpo e na língua

Sem gravatas, na maior descontração, antropólogos e linguistas animaram – assemelhou-se quase a um concerto polifônico – o segundo dia do Curso da Arrábida, *Brasil e Portugal – 500 anos de Enlaces e Desenlaces*.

No mar da antropologia podemos falar de um feliz enlace. As coisas começaram calmamente com a comunicação de Gilberto Velho. Atenção: ainda Portugal não sabia o que era antropologia (a ditadura cinzenta de Salazar andava a leste do paraíso apesar dos trabalhos pioneiros de um Jorge Dias (“Era um pássaro que andava por Coimbra,” – confidenciou ao *Público* o ensaísta Eduardo Lourenço) e já o brasileiro João do Rio falava do fado, de coisas tão fantásticas como a Júlia Florista, em 1908...

Isto foi lembrado na entusiástica e sensual comunicação de Joaquim Pais de Brito, mas antes (curioso, não?) a frieza inteligente de Gilberto Velho já tinha posto o dedo na ferida, ele que com um pequeno livro, *A Utopia Urbana* (sobre um prédio em Copacabana, de 1973) inaugurava a antropologia urbana.

A perplexidade aumentou quando a antropóloga Graça Cordeiro afirmou, preto no branco, que, apesar dos tais 500 anos de história em comum, a antropologia urbana em Portugal tinha 30 anos (!) de atraso relativamente ao Brasil. “Aprendemos imenso com o que eles estavam a fazer,” confessou Graça Cordeiro. Diplomática e afectivamente, Gilberto Velho quis pôr os pontos nos is: “Ela é muito modesta porque o trabalho que os portugueses estão a fazer sobre os bairros são fantásticos. Podem dar para perceber o que se está a passar nas grandes metrópoles que se estão a criar no Brasil.” É importante, quer do ponto de vista antropológico, mas também do social e político – basta pensarmos nos problemas da violência urbana que se registraram nos últimos tempos na zona da Grande Lisboa. Graça Cordeiro sorriu meio tímida, mas percebeu a mensagem: nesta área o enlace pode acabar bem.

Mas ainda há muito a fazer: Joaquim Pais de Brito, na sua intervenção, apelou à “memória de afetos.” “Não tenho outra maneira de falar destas coisas, que passa por algo muito simples: o corpo.” “Já pensaram alguma vez quantas intimidades partilhamos durante séculos? Eu que assisti deliciado à sessão de ontem em que se mergulhou na literatura,

não percebi como alguém possa passar ao lado dos sabores que cheiramos quando lemos os livros de Jorge Amado ou Guimarães Rosa!”

“HÁ ‘NÓS’ DIFERENTES”

Pais de Brito, corpo, sensações e alma conjugados, confessou sem qualquer espécie de tabus que “mais do que certezas” queria partilhar a sua experiência subjetiva: “Ouvi falar aqui muito dos ‘nós’ que temos em comum: só que temos que perceber que há ‘nós’ diferentes.” São talvez essas diferenças que é necessário redescobrir...

A da língua é uma delas. Podemos começar pelo hífen. Como comentava Eugénio Lisboa, o director dos Cursos da Arrábida, enquanto ouvia o linguista Evanildo Bechara, é “o fim da picada” (que não se escreve com hífen, pelo menos em Portugal, como fim-de-semana). Num ponto parece toda a gente estar de acordo: o acordo ortográfico “é um menino que foi criado, que só faz chichi e manifestamente não faz falta,” disse, sem qualquer ironia, Bechara.

A discussão complicou-se quando entrou em cena África. O ex-director da Biblioteca Nacional, Affonso Romano da Sant’Anna, que continua sem perceber por que não existe um dicionário que identifique como se escreve em Portugal, Brasil, mas sobretudo em todas as variantes linguísticas que existem em África. Sobretudo em Moçambique, lembrou Helder Macedo. Esta história da língua – de quem se diz à boca cheia que é aquilo que nos unirá para sempre – pode muito bem ser uma história de desenlace. Triste, trágica (foi a opinião de Ivo Castro) e sem retorno.

Romano de Sant’Anna lembrou um dia em que perguntou numa aula na Nova Inglaterra, se alguém sabia por que razão Camões escrevia em espanhol e português. O silêncio instalou-se, mas houve um estudante que resolveu (?) o problema. E respondeu-lhe: “Ele escrevia assim porque não falava inglês.”

Público, 02/08/2000